

Ele não sabe o que diz

Sara Guimarães Nunes

Animada pelas leituras depreendidas do Seminário 2, de Lacan, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, tentarei articular o que concerne à constituição do sujeito a partir das falas que o constituíram, e a relação imaginária do eu, à qual o sujeito é cativo.

Para tais considerações acerca do sujeito como efeito de falas fundadoras, reportar-me-ei à arte literária através do conto de Machado de Assis, *O Espelho*, para ilustrar o que pretendo discorrer, o sujeito efeito de falas, o sujeito psicanalítico.

Nesse conto, o personagem Jacobina (era este o seu nome), aos vinte e cinco anos, é nomeado alferes da Guarda Nacional. Depois desse título que lhe foi conferido, passou a ser chamado de *alfêres*. Era assim reconhecido, e era como se reconhecia.

E nos diz Jacobina, personagem-narrador de sua história, ao contar para os outros quatro cavalheiros que o escutavam:

“Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. (...) A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina,

um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.” M.A. p.72

Assim, quando da nomeação de alferes, este acontecimento permitiu a Jacobina vislumbrar contentamentos, não só a sua mãe, que, muito orgulhosa pela conquista do filho, não parava de chamá-lo *meu alfêres*, bem com os parentes e toda a vizinhança; portanto, *muitas* pessoas *ficaram satisfeitas com a nomeação, e a prova é que todo o fardamento lhe foi dado por amigos.*

E não só a mãe, mas a tia D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, também o chamava *meu alfêres*. No curso dessa história, segue, a convite dessa tia para morar com ela, num sítio a muitas léguas da vila onde morava o agora alferes.

“E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. p 74, M. A.

“Sendo por todos que o rodeavam muito mimado, bem servido pelos escravos do sítio, que também o chamaram de Sr. Alferes. Este é, pela tia Marculina, presenteado com “um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples...” P.74
MA

Tratava-se de um espelho que a tia recebera da madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI.

E nos diz Jacobina, o alferes: “Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição.”

Desse modo, sempre a ouvir sua tia dizer que merecia muito mais, que tudo aquilo ainda era pouco. E ficava embevecido o alferes, diante de tantas regalias, de tantos amores!

“O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou.”

E assim foi construída para o alferes, diante das tantas falas que lhe foram atribuídas, uma imagem diante do *espelho*, tornando-o prisioneiro dessa imagem especular proveniente dos anseios ou desejos daqueles que faziam parte da sua história.

Cativo e amordaçado por essas impregnações languageiras, o alferes sentiu-se quase morto. Desestrutura-se sua imagem já conhecida à de alferes, ao afastar-se desses mimos, quando é preciso sua tia Marcolina, deixar o sobrinho para socorrer a filha à beira da morte.

“Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra cousa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra.(...) – o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam a garbo, que me

chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver.” P.78 MA

O conto *O Espelho* bem nos ilustra a dependência narcísica, pela via da linguagem, chegando o personagem a reconhecer que “O alferes eliminou o homem”. Não conseguia mais tornar-se Jacobina, simplesmente um homem; as vestes de alferes mantiveram-no escravo de olhar-se repetidas vezes diante do espelho, o que nos remete à tradição referida pelo Alferes própria àquele espelho, pelas transmissões das gerações que antecedem o sujeito na sua preexistência. Olhar-se no espelho com as vestes de alferes: seria essa uma maneira de verificar e conferir a sua existência através da imagem refletida pelo espelho?

Cientes de que o inconsciente é constituído de elementos significantes singulares e a linguagem que o expressa, ainda que seja pronunciada pelo sujeito, trata-se de falas que o sujeito as recebeu de outros, daí a linguagem ser *estranha* ao sujeito – *ele não sabe o que diz*.

Desde as suas “formações”, os sonhos, lapsos, esquecimentos, sintomas, o inconsciente também se revela estruturalmente comparável à linguagem. Através dos deslocamentos e condensações, como Freud nomeou, ou para Lacan, as metáforas e metonímias, assim, de significante em significante é como o inconsciente se organiza numa rede de múltiplas relações, de combinatórias que constituem o sujeito falante.

O falante, enredado pelos significantes que tecem a sua história de ordem particular e subjetiva, revela-se em sua *verdade ou variedade*, como

brinca Lacan, querendo dizer com isso que *verdades são variedades*, inerentes à rede de significantes, onde, unidos por vários laços de associações e segundo a regra psicanalítica, a associação livre, é possível o sujeito verdadeiro, o sujeito inconsciente advir.

A priori, aquele que empreende uma análise, à medida que fala, pensa saber o que está dizendo, acredita dessa maneira comunicar-se. Imagina-se convicto de certezas apreendidas que foram repassadas pelas gerações das quais provém e que o fizeram existir enquanto sujeito.

Mas não é do sujeito da consciência, da razão, que trata a Psicanálise, senão do sujeito psicanalítico: aquele que formula uma enunciação, um dizer, *ele não sabe o que diz!* não alcança de onde provém essa fala, sobre o que está falando, e nem tampouco sabe quem está falando cada vez que fala. E nem por isso é pouco inteligente por não saber o que diz, porque não é dessa ordem da sabedoria, do conhecimento que concerne a uma situação de análise, pelo contrário, um analista, através de suas *formações*, pela via da sua experiência de análise, deverá saber que o sujeito expressa em sua evanescência, irrompe aqui e ali, à medida que é possível a sua extensão de fala, à medida que o discurso desdobra-se, rasga-se, e nesses tropeços ou estranhamentos ao falante, quando por vezes se pega surpreso “*mas isso não é importante, não sei porque estou falando isso, pensei em falar outra coisa e agora me ocorreu dizer isso, totalmente diferente do que havia pensado em dizer*”, o que não deixa também de ser essa uma maneira em que o sujeito, ao fazer esses certos volteios, pensa encontrar assim uma saída por onde escapar das ciladas do inconsciente, das pregas que poderão desdobrar-se e tentam escapar, de certa forma protegendo-se do

desconhecido. Seria essa uma maneira de prevenir-se antecipadamente através da arrumação de sua fala? E não é raro considerar que o que tem para dizer são bobagens, coisas sem importância.

Mas o interessante dessa trama é que justamente o que não foi pensado insurge como verdade, até então velada, portanto desconhecida pelo sujeito. Os equívocos ou tropeços é que trazem o quê de verdade, revelam o antes não sabido, não lembrado. Citando Lacan:

“A análise deve visar à passagem de uma fala verdadeira, que junte o sujeito a um outro sujeito do outro lado do muro da linguagem. É a relação derradeira de um sujeito a um Outro verdadeiro, ao Outro que dá resposta que não espera, que define o ponto terminal da análise.” p.310

O sujeito, antes de vir ao mundo, ao mundo dos objetos, das coisas, das nomeações, o mundo da linguagem já o espera, reservando-lhe *fálas fundadoras* que o constituíram sujeito de desejo. As *fálas fundadoras* são repetidas pelo sujeito ao longo de sua existência, ainda que não saiba de onde vêm. Essas repetições são inscrições languageiras que deixaram suas marcas no falante e foram transmitidas pelos pais, vizinhos, a estrutura inteira da comunidade, e que não só constituíram o sujeito como símbolo, mas o constituíram em seu ser.

Desta feita, o sujeito existe antes mesmo do corpo biológico, a linguagem atravessa-o, as falas anteriores ao seu nascimento são-lhes inseridas. É assim a constituição do eu que o sujeito pensa ser, alienando-se aí na ilusão de uma realidade, por não saber outras saídas. E referendado

por tais identificações, é como irá reportar-se cada vez que abrir a boca para falar. Recebe tais inscrições que definem sua posição no mundo, determinando toda sua preexistência. Falará, portanto, o que lhe foi falado ou não, e que faz eco em seus pensamentos; daí precisar muitas vezes colocar para fora, tornar-se audível, e são as palavras pronunciadas pelo sujeito, produzindo sonoridade própria, que nos interessam enquanto analistas na direção do tratamento; são esses os movimentos de uma fala, quando é possível ao sujeito situar-se ao saber *quem está falando por ele*.

O personagem do conto, Jacobina/Alferes, parecia estar situado onde surgiam as falas que o designavam, etiquetando-o. E por serem muitas as combinatórias, muitas no sentido dos vários desdobramentos de associações do dizer, das particularidades que contam a vida do sujeito, e, nesse caso, daquele que se entrega a uma experiência de fala, *o que diz, como diz*, ainda que o sentido que é dito, falado, só se sabe depois – é sempre *a posteriori* que o verdadeiro sentido é reconhecido, e, de preferência, pelo analisante.

Ao trilhar sua cadeia de significantes, poderá, por essa via do dizer, reconhecer o que lhe pertence e tomar posse ou não dessas heranças languageiras, analisando-as no que lhe cabe, o que deve fazer com isso que lhe foi repassado, lhe foi dado sem que tenha pedido, e tendo sido transmitido ao sujeito por outras gerações que o antecederam, já que cada ser humano é no mínimo constituído/efeito de três gerações, efeito de desejos perpassados, os quais são próprios à condição humana.

“O mundo freudiano não é o mundo das coisas, não é um mundo do ser, é um mundo de desejo como tal. O desejo, função central em toda experiência humana, é desejo de nada que possa ser nomeado.” p.280 , Sem. 2.

Lacan, mais especificamente no Seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, adverte-nos para o grave engodo do direcionamento de uma análise pela via da realização imaginária, ou psicologia do ego, quando nesse caso é o eu do analista o ideal a ser seguido, mirado e repetido; nesses casos, as verdades próprias ao sujeito, que poderiam ser reconhecidas pelo falante, cedem lugar às verdades e crenças do analista. Desse modo, as histórias que enredam o falante esbarram obturadas por não conseguirem escansão de uma fala, impedidas por *seus verdadeiros fiadores* de virem a ser reconhecidas.

Uma prática assim enveredada impossibilita releituras do texto herdado pelo sujeito, que fica duplamente cerceado. Nesse caso, não pelo muro da linguagem, como chama Lacan, mas pela pessoa do analista que direciona a sua práxis, à mercê do eu, o campo de aprisionamento, de equívocos.

“A análise consiste em fazê-lo tomar consciência de suas relações não para com o eu do analista, mas para com todos estes Outros, que são seus verdadeiros fiadores, que respondem por ele, e que ele não reconheceu. Trata-se de o sujeito descobrir progressivamente a que Outro ele verdadeiramente se endereça, apesar de não sabê-lo, e de assumir

progressivamente as relações de transferência no lugar onde está, e onde, de início, não sabia que estava.” P. 311, Sem. 2

Uma escuta psicanalítica voltada para a valoração do eu do analista, ou mesmo do sujeito, visa ao objeto, e não ao sujeito em questão, em seu desejo, distanciando-se assim da ética da psicanálise, da análise do desejo em suas particularidades e propriedades cabíveis ao analisante, embargando-o em seu dizer.

Não cabe ao analista, em sua função de suporte de transferências, objetivando o deslizamento de falas, criar interpretações desastrosas, provenientes do seu imaginário, do seu eu deformador.

E, chistosamente, Lacan nos diz:

“Graças a Deus que a experiência nunca é levada até seu derradeiro término, não se faz o que se diz fazer, fica-se muito aquém de suas metas. Graças a Deus os tratamentos falham, e é por isso que o sujeito se salva.” P.305, Sem.2

Retomando a função de aprisionamento do sujeito que se expressa por um eu, *Ele não sabe o que diz*, é assim o sujeito da análise, ele falará as falas que lhe foram *faladas* e também *falhadas*. Mas poderia se perguntar, então, se quem fala não sabe o que está dizendo, então *quem o sabe, para que então se fala?* E em que consiste uma análise quando analista e analisante se encontram imbricados nesse não saber, que não se antecipa senão pela transferência ao que supõe o analisante acerca do seu analista?

As resistências do analista, estas que não permitem uma escuta, como bem nos adverte Lacan, *se há resistência é a do analista*, impedem que o analisante continue a falar, amordaçando-o, obturando novos sentidos, os verdadeiros, dificultando ou impedindo o sujeito em atravessar o *muro da linguagem*, a caminho do além do dito. Mantém desse modo o sujeito preso ainda mais numa relação imaginária, narcísica, o que o distanciará de uma aproximação à relação simbólica, ao campo das nomeações próprias ao sujeito falante. E com isso não estamos esquecidos de que estaremos sempre referidos ao imaginário, mas ao menos, por uma extensão de fala, que o simbólico seja a primazia, sem pretensões de nos referirmos ao esgotamento do imaginário.

Ele não sabe o que diz, não porque não queira saber, mas porque é presidido por uma cadeia simbólica, a linguagem na qual está inserido ou foi inserido, onde foi jogado em diversas combinatórias. E sua alteridade, a do sujeito referido ao Outro, de onde provém a fala do sujeito, que alto e bom som, repete-as, pronuncia o que outrora escutou, suas inscrições languageiras, e agora deseja situar-se à medida que as ouve novamente, noutros sentidos; desse modo poderá reconhecer quem está falando por ele, o que está presidindo seus conflitos trazidos por suas enunciações, saberá quem são os eus que refletem as suas imagens e o fazem falar ou calar-se.

“O sujeito vive o devaneio diurno na primeira pessoa, mas, no inconsciente, faz parte integrante da cena”. p.241, Anika Lemaire

Podemos então depreender que, se o sujeito psicanalítico, *ele não sabe o que diz*, é porque o eu ao qual se reporta para expressar-se, tem valor

funcional, funciona como meio, onde o eu modula as falas, definindo assim as posições subjetivas de onde cada sujeito é cativo pela ordem da linguagem. As falas aqui referidas são as que habitam o sujeito, provenientes dos diversos desejos caóticos que formam e deformam uma vida.

Se o sujeito é constituído pelas representações de objetos, de miragens, ilusões fundamentais às quais mantém-se por muito tempo referido e identificado, já é demais, imaginem só outros eus, excedentes, como os dos analistas que interferem nas tentativas por escansão do discurso, oferecendo-se como conselheiros, com suas boas intenções.

É do lugar do “morto”, como no *jogo de cartas*, que o analista deveria se posicionar durante as sessões de análise, participando do jogo, na função de animar as partidas, promover a manutenção do jogo, permitindo aos jogadores continuarem suas jogadas, como também ao analisante, animando-o a lançar-se em novas partidas, novas associações às jogadas que antecederam a sua chegada no mundo, propiciando dessa maneira surpreendentes reencontros ou reconhecimentos das combinatórias herdadas através das palavras ditas *a priori*, sem saber o que diz, e durante o discurso serão possíveis atualizações, sendo essas, portanto, revisitadas.

Que Outro é esse, e o que quer? - é o que nos interessa visar numa situação de análise. É em direção ao que Lacan chamou de para além do *muro da linguagem* que uma análise deve se encaminhar. “*O sujeito não sabe o que diz. Mas ele se vê através da imagem, da ilusão dos objetos.*”
p.307/308

Alferes, na sua solidão especular, encontrou um meio de sustentar-se na imagem, que o ameaçara perdido:

“- Lembrou-me de vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho.”

O eu presentifica uma função imaginária, especular, a partir de seu endereçamento ao Outro, o que contém o código linguageiro, lugar de proveniência da fala, sendo o eu tão somente fonador dessa fala. Daí as possibilidades do que chamamos de *realidade psíquica*, tratando-se de uma verdade inscrita na linguagem daquele que fala, a saber; *quem está falando quando eu falo*, vir a saber ou se aproximar desses seus outros (pequenos outros, semelhantes) que o construíram, e que se mantém algumas vezes transbordando em impasses, presentes nas angústias ou noutros sintomas. É como a Psicanálise trabalha, não fazendo calar, distante de fabricar mutismos, mas implicada com aberturas, desdobramentos do dizer.

Não se trata de integrar o sujeito apontado-lhe um *eu correto*, nem de organizá-lo à sua revelia, conferindo aos objetos trazidos pela fala deste como sendo homogêneos numa relação sujeito/objeto. Mas trata-se de saber que, se estão presentificados na fala, fazem-no por uma única condição, a de estarem representados/validados para o sujeito, e é nisso que nos interessa enveredar: à dimensão subjetiva. Não é o caso, para a

Psicanálise, então, de uma relação dual, psicológica, mas da relação do sujeito a outro sujeito, quando suas relações com este ou aquele objeto tomam sentido, isto é, valor.

“Que ele possa dizer isso na fala, não é vão. É porque sua experiência se acha, desde o início, organizada na ordem simbólica”. p.321, Sem. 2

Relembremos que a palavra dita pelo analisante advém do Outro – a sua alteridade radical.

Carece ao sujeito assegurar-se na ilusão de que o eu existe como real, de que o eu é o sujeito, mas as evidências que irrompem, fazendo cortes nas imagens, abrindo as fendas através da linguagem, nos dão provas de como somos cativos da linguagem que nos habita.

E, parafraseando Lacan, encerramos por hoje as nossas tentativas de situar-nos um pouco mais em torno de *Ele não sabe o que diz*.

“Onde está o essencial da análise? Será que a análise consiste na realização imaginária do sujeito? Confunde-se o eu e o sujeito, faz-se do eu uma realidade, algo que é, como se diz, *integrativo*, ou seja, que mantém o planeta unido.”

Não poderíamos deixar de citar o poeta Fernando Pessoa, valendo-se de seu heterônimo *Álvaro de Campos*:

**“Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos
supusemos.
A nossa realidade é o**

que não conseguimos nunca.”

(“Pecado Original” in Poesias, de Álvaro de Campos)

Idéia-núcleo:

"O texto faz referências ao *eu* em seu valor funcional por onde modulam as falas, como cada sujeito é cativo pela ordem da linguagem."